



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**ANA PAULA SANTANA PEREIRA**

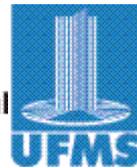
**OS DESAFIOS DO INICIO DA CARREIRA DOCENTE: UM OLHAR A PARTIR DOS EGRESSOS DO CURSO  
DE PEDAGOGIA DA UFMS/CPTL.**

**TRÊS LAGOAS-MS**

**2020**



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**



**ANA PAULA SANTANA PEREIRA**

**OS DESAFIOS DO INICIO DA CARREIRA DOCENTE: UM OLHAR A PARTIR DOS EGRESSOS DO CURSO  
DE PEDAGOGIA DA UFMS/CPTL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência de conclusão de curso de Pedagogia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Três Lagoas sobre a orientação do Prof. Dr. Tarcísio Luiz Pereira.

**TRÊS LAGOAS-MS**

**2020**

## **Agradecimentos**

Agradecer é mais importante do que pedir, pois é na gratidão que mostramos o nosso sentimento mais íntimo, o de ser humilde. Por isso quero agradecer a todos que colaboraram e participaram dessa etapa decisiva em minha vida que tanto agregou para o meu crescimento, tanto profissional como pessoal.

Ao longo desses 4 anos de caminhada pelo processo de busca do conhecimento, foram inúmeras as pessoas que passaram pela minha vida e deixaram enraizadas em mim a oportunidade de crescer. Por isso, declaro desde já minha gratidão á todos que cruzaram minha caminhada e que fizeram parte da construção do ser que sou hoje, inacabado, mas em constante desenvolvimento.

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me sustentado e me dado forças ao longo desses anos, me enviando pessoas que ajudaram a suportar todas as adversidades encontradas durante todo o processo.

Agradeço e dedico esse trabalho a minha filha Sophia, por muitas vezes ter compreendido que a minha ausência foi em busca da realização de sonhos, por entender que estou traçando um futuro melhor para nós. Agradeço também por conseguir tornar o fardo mais leve, com um sorriso ou uma fala espontânea que tinha o poder de aliviar qualquer sentimento negativo.

Agradeço a minha mãe Daniela, que foi e é a minha maior incentivadora de sonhos, que mesmo tendo vários fatores para desistir dos estudos, sempre plantou em mim o desejo da busca pelo conhecimento e até mesmo, contra minha vontade, a busca pela docência. Por ter cuidado da Sophia, me acalmado quando achava que não iria conseguir, por estar sempre ao meu lado.

Agradeço ao meu pai Marcos, meus avós maternos Aparecida e Jaime, meus avós paternos Maria e Cícero, meus vizinhos que considero meus avós, Regina e José Raimundo pela preocupação comigo e minha formação. Mesmo que fosse por indagações de como estava indo os estudos, aquilo em mim já se transformava em motivação para o alcance dos meus sonhos e dizer a eles que eu iria chegar lá.

Agradeço a minhas amigas Larissa e Natalia, por tornar o fardo acadêmico mais leve, pelas brincadeiras, risos, gritos, choros e desesperos. Sou muito grata por ter conhecido vocês nessa trajetória, por me ajudarem de diversas formas a continuar.

Agradeço aos meus primos Luciano, Caroline e Stephane por me acolherem quando a exaustão tomava conta de mim e me descontraíam com conversas que sempre finalizavam em gargalhadas.

Agradeço também ao meu namorado, ao qual sempre me apoiou e me amparou nesses últimos meses quando o desânimo e a insegurança me rodeavam, e estava sempre pronto para me acalmar e dizer que eu iria conseguir.

Agradeço a equipe Kumon Andradina, por ter me proporcionado vivenciar a docência de um modo ao qual eu ainda não conhecia e assim fazer com que eu me apaixonasse ainda mais por essa linda profissão.

Aos professores que tive o enorme prazer de conhecer e ter a oportunidade de aprender sobre a caminhada docente, minha eterna gratidão. Em especial, quero agradecer ao meu orientador Prof.º Dr. Tarcísio Luiz Pereira que me auxiliou no processo de construção do meu trabalho de conclusão de curso, não só nesse último período, mas durante toda a caminhada acadêmica, em especial desde o momento em que o escolhi para me orientar. Agradeço pela paciência e competência durante a realização dessa pesquisa, com certeza seus ensinamentos estarão sempre presentes em minha vida. Obrigada!

**“Educação não muda o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.”**

**Paulo Freire**

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é conhecer e discutir os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos egressos do curso de pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul do Campus de Três Lagoas-MS ao concluírem o curso e iniciar sua inserção no mercado de trabalho. Para tanto, utiliza-se como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa com análise de conteúdo por meio de questionário realizados com os egressos da pedagogia. Parte-se da hipótese que há uma discrepância entre a teoria vista no período formativo e a realidade encontrada ao assumir a responsabilidade de uma sala de aula e/ou tentar se inserir no mercado de trabalho.

**Palavras-chave;** Egressos; Docência; Escola; Pedagogia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO I –FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL E OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II-ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS: A VISÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CPTL.....</b>	<b>18</b>
3.1. Sujeitos da pesquisa .....	18
3.2- Análise dos dados .....	20
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

A temática abordada neste Trabalho de Conclusão de Curso pretende discutir os desafios e dificuldades que os professores recém-formados encontram ao sair do curso de Pedagogia e adentrar no ambiente escolar como docente assim como sua inserção no mercado de trabalho.

Cabe destacar que este objeto de pesquisa surgiu através das dúvidas e discussões levantadas em sala de aula ao longo dos semestres no curso de Pedagogia Licenciatura na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, onde tive contato com teóricos e autores que tratam de questões relativas ao ensino e à aprendizagem e também pude vivenciar práticas por meio de estágios e observações que apresentam um universo que nem sempre percorre o mesmo caminho que vemos nas teorias.

Diante disso, levantamos a hipótese de que os professores recém graduados, passam por diversos conflitos quando ingressam na carreira docência e enfrentam contradições explícitas e implícitas desconhecendo, muitas vezes, a relevância que:

Os movimentos construtivos como diferentes momentos da carreira docente, envolvendo a trajetória vivencial dos professores e o modo como eles articulam o pessoal, o profissional e o institucional e, conseqüentemente, como vão se (trans)formando no decorrer do tempo. Tais movimentos carregam as peculiaridades de cada docente e de como ele interpreta ou interpretou os acontecimentos vividos. Eles não se apresentam de forma linear, mas correspondem a momentos de ruptura ou oscilação, responsáveis pelo aparecimento de novos percursos que podem ser trilhados pelos docentes. (ISAIA; BOLZAN, 2009, p 11.)

Infere-se que no início da docência ocorrem diversas situações de medos e inseguranças dentre as quais: o preconceito dos professores mais experientes em relação aos recém-formados; as recusas dos professores experientes em aceitar os conhecimentos e ideias que os professores iniciantes têm ao sair da universidade; a cultura escolar na qual o egresso é inserido; os subsídios oferecidos para se executar um bom trabalho (BOLZAN, 2010).

Concorda-se com Gatti (2009) ao dizer que “Todo esse questionamento está sendo discutido sem pensar na formação, nas expectativas e experiências que os professores iniciantes trazem como bagagem e em como converter todo esse início para o uso construtivo da educação”. (GATTI, 2009, p.7).

Isto posto, as perguntas que orientarão a investigação são as seguintes: quais os principais desafios postos ao professor em início de carreira? Como o professor iniciante é recebido por seus colegas mais experientes ao iniciar sua carreira na escola?

Para traçar caminhos mais específicos da discussão a ser discutida, têm-se como objetivo geral conhecer os principais desafios enfrentados pelos professores em início de carreira no ambiente escolar, principalmente os egressos do curso de Pedagogia, seguindo de suas especificações onde infere-se em identificar os desafios postos aos professores iniciantes e averiguar o que professores experientes pensam sobre seus colegas iniciantes.

O estudo proposto tem a intencionalidade de conhecer os principais desafios enfrentados pelos professores egressos do curso de Pedagogia, assim podendo identificar tais desafios e averiguar o que os professores experientes contribuem ou não para tal início de carreira.

A profissão do professor é uma das únicas em que se lança o profissional na área de atuação sem ter um acompanhamento sistemático e gradual, sem subsídios oferecidos pela coordenação pedagógica e direção da escola em que o atuante adentrou. Ocorre também de haver uma certa recusa dos professores já atuantes com os recém-formados, os olhando com rispidez, sem um olhar de compaixão e parceria com o egresso, dificultando assim ainda mais o processo inicial de carreira. (HUBERMAN, 2000)

Huberman (2000) destaca as fases pelas quais o docente recém formado passa ao entrar na carreira de professor, ao iniciar com a fase da Sobrevivência e Descoberta, que vai até o 3º ano da carreira o qual é caracterizado pela vivência de toda complexidade que o universo escolar oferece entre eles a discrepância entre tudo que foi projetado durante a formação e a realidade da sala de aula. Esse momento de descoberta do professor está diretamente ligado com o desejo de ter os seus alunos, com a sua sala de aula e colocar em prática tudo aquilo que foi visto durante a formação, sendo plenamente um profissional atuante da área da educação. Para Nono (2011, p. 17) “[...] sobrevivência e descoberta caminham lado a lado no período de entrada na carreira”, embora muitas vezes elas possam ser sentidas de maneiras diferentes, podendo assim ser um momento de fortalecimento ou desestímulo.

Após isso, dos 4 aos 6 anos de exercício da profissão entra na fase da Estabilização onde o profissional já está mais habituado com o meio escolar e adquire mais facilidade em lidar com as adversidades, até porque ele já adquiriu experiências e vivências que o auxiliam a facilitar seu trabalho. A colocação e seleção correta de suas metodologias, a percepção em identificar as dificuldades dos alunos e respeitar o tempo de aprendizagem deles, tudo isso lhe causava pânico no início da carreira e agora o torna um profissional mais independente. (HUBERMAN, 2000.)

A terceira fase é a da experimentação ou diversificação que vai dos 7 aos 15 anos de carreira e é marcada pela tentativa de modificação e de impacto que a sala de aula ou o sistema impede o seu caminhar. Tendo o professor a consciência da importância de sua atuação, isso acaba gerando uma revolta com as barreiras que ele vem encontrando ao longo do percurso para executar seu trabalho. O que antes era ignorado no início da carreira, hoje com o cansaço e desgaste o leva a repensar em sua permanência na docência.

Já dos 15 aos 20 anos de carreira é o período de procura por uma situação estável, onde tal período é caracterizado por dois grupos distintos. O primeiro é marcado pela redução dos ânimos e energias que até então os motivavam para fazer mudanças e inovações na profissão; já o segundo é marcado pela estagnação o sentimento de amargura e reclamações contínuas dos colegas de trabalho, alunos e escola o que acaba refletindo no conservadorismo e o prepara para a última fase do ciclo.

A última fase do ciclo vai 25 á 30 anos de carreira é o preparo de jubilação, o qual também é caracterizado por dois grupos opostos. Quando o professor no decorrer de sua carreira realizou tudo o que lhe foi proposto, encarou os desafios, modificou sua forma de ensino a partir da realidade dos seus alunos e além de tudo isso aprendeu muito ao longo de sua carreira, esse é o momento de despedida da sala de aula e é encarada de uma forma positiva, lhe trazendo um sentimento de dever cumprido. Entretanto há aqueles que tomam uma experiência negativa em relação às experiências vividas no âmbito escolar, o que acabam desanimando os professores mais novos.

Segundo Tardif; Raymond e Nono (2011, p. 46) “o início da carreira refletirá no término dela, pois, os saberes profissionais desenvolvidos são constituídos nos primeiros anos de docência e ajustados no cotidiano e realidade do trabalho.”

Ao percorrer tais períodos as dificuldades e desafios não acabam somente vão mudando o perfil, e ao sair da vida acadêmica e entrar no ambiente de trabalho o até então aluno acaba se vendo sozinho em meio a tantas divergências encontradas nessa mudança de ciclo. Até hoje se busca a relação teoria e prática serem indissociáveis, onde o desafio é articular essas vertentes com sucesso e saber fazer bem.

Diante destas dúvidas e hipóteses levantadas, pretende-se nesta pesquisa de caráter qualitativo levantar informações por meio de questionário que será enviado previamente aos sujeitos da pesquisa (5 egressas do curso de Pedagogia, com sua formação inicial na Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul localizada no Campus de Três Lagoas) e posteriormente analisados por meio de análise de conteúdo. Destaca-se que para este trabalho

foi feita uma revisão de literatura com embasamento teórico em autores que sustentam esta discussão.

O trabalho está dividido em dois capítulos sendo o primeiro denominado “Formação de professores no Brasil e os desafios da atuação docente” o qual se propõe a discutir como se deu historicamente a formação docente no país e quais os desafios da prática docente. No capítulo dois “Análise e Apresentação dos dados: a visão dos egressos do curso de Pedagogia no CPTL.” apresentar-se-á os dados da pesquisa com a descrição dos sujeitos participantes e a análise dos mesmos entrecruzando-o com o capítulo teórico anteriormente discutido e por fim, fechando a discussão, as considerações finais.

## CAPÍTULO I

### FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL E OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO DOCENTE

A formação de professores e a escolarização no Brasil tiveram seu início desde a chegada dos portugueses nas terras indígenas em 1549, onde os colonizadores tinham como intuito catequizar para instruir os indígenas. Sendo assim, a Companhia de Jesus dirigida pelo padre Inácio de Loyola, construíram escolas gratuitas para a formação de sacerdotes para a catequese que era subsidiada e controlada pelo Estado português, com o intuito da formação religiosa e prática cristã aos índios e com o objetivo econômico e político, introduzindo hábitos trabalhistas.

Manoel de Nóbrega chefiava a missão e logo se deparou com um impasse com a diferença linguística entre os brancos e os índios. Sendo assim, iniciou uma escola de ensino para leitura e escrita, que foi dividida em duas etapas, com a primeira sendo o ensino do português, da doutrina cristã e da alfabetização. Já a segunda etapa o aluno poderia escolher entre o ensino médio e o ensino profissionalizante. Em 1551, tal ensino foi denominado de *Colégio Meninos Jesus da Bahia*, sendo a primeira instituição escolar do Brasil.

Em 1559 foi publicado um manual educativo chamado de *Ratio Studiorum*, feito pelos jesuítas. O documento era bem complexo, pautado em uma Pedagogia Tradicional com matérias bem organizadas e detalhadas como: Língua, literatura, poesia, história, retórica, lógica, combinados com matemática, geografia, filosofia, ciências naturais e outras disciplinas religiosas. No documento também havia escrito as metodologias que deveriam ser aplicadas, os prêmios e castigos que deveriam ser dados aos alunos. O documento foi usado não só no Brasil, mas em vários lugares no mundo por mais de dois séculos.

Com a chegada de Marques de Pombal, os jesuítas foram banidos e assim houve a primeira reforma educacional com efeitos que destruíram o até então único sistema educacional existente no Brasil, onde Niskier discorre dizendo que

A organicidade da educação jesuítica foi consagrada quando Pombal os expulsou levando o ensino brasileiro ao caos, através de suas famosas ‘aulas régias’, a despeito da existência de escolas fundadas por outras ordens religiosas, como os Beneditinos, os franciscanos e os Carmelitas”. (Niskier, 2001, p. 34).

Foi através do Alvará Régio de 28 de junho de 1759 que o Marquês de Pombal, ao mesmo tempo expulsou os jesuítas de Portugal e de suas colônias, suprimindo as escolas e colégios jesuítas de Portugal e de todas as colônias; criou as aulas régias ou avulsas de Latim, Grego, Filosofia e Retórica, que deveriam substituir os extintos colégios jesuítas e criou a figura do “Diretor Geral dos Estudos”, para nomear e fiscalizar a ação dos professores.

A política Pombalina veio com uma objeção lógica, prática e centrada nas relações econômicas, onde passou a responsabilidade educacional para o Estado. A inserção da reforma pombalina no Brasil, não ocorreu do mesmo modo e ao mesmo tempo em que no país de Portugal, percorrendo ao menos 30 anos até que os portugueses tomassem posse da educação nas terras brasileiras.

Então, em 1772 foi implantado um novo sistema educacional que deveria substituir o sistema jesuítico. As aulas eram isoladas e autônomas, sem articulação umas com as outras, com um ensino fragmentado, com professores únicos que muitas das vezes eram despreparados e leigos, o que acabou tornando o novo sistema educacional em um retrocesso brasileiro, diferente do que estava acontecendo em Portugal.

Essas aulas marcaram então a primeira experiência promovida pelo Estado, com o intuito de desenvolver a economia de Portugal e de sua ascensão política.

Com todos esses movimentos vindos de Portugal, foi-se constituindo a legislação educacional brasileira com fortes influências da legislação portuguesa, e mesmo ela passando por diversas mudanças e busca pela emancipação brasileira, a educação se manteve destinada a formação das elites e dos trabalhos de forças braçais.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases foi criada em 1961, seguida por outra versão em 1971 até chegar na mais recente atualização que está em vigor até os dias atuais, de 1996.

O compilado de leis aprovado em 1996 foi fruto de um longo embate entre duas propostas distintas que percorreu 8 anos. A primeira proposta ficou conhecida como “Projeto Jorge Hage onde se deriva de debates advindos da sociedade, e a segunda proposta foi criada pelos senadores Darcy Ribeiro, Marco Maciel e Mauricio Correa em parceria com o poder executivo mediado pelo MEC. O ponto que divergia as opiniões partia do papel do Estado sobre a Educação, onde a primeira proposta via uma grande preocupação com os mecanismos de controle social do sistema de ensino e a segunda proposta acreditava em uma educação com uma estrutura de poder centrada nas mãos do governo, o qual teve seus ideais levados ao texto final.

No título VI da LDB de número 9.394/96 vai discorrer sobre os Profissionais da Educação, iniciando do Art.61 onde se lê:

Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim; IV – profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36; V – profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação. Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (LDB, 1996, p. 41)

No Art. 62 o texto destaca que a formação em ensino superior que dispõe a atuação do docente no ensino básico por meio do curso de Licenciatura Plena. Sendo essa a formação mínima, onde habilita o professor a atuar na Educação Infantil e nos 5 primeiros anos do Ensino Fundamental I. Em sua continuidade, no Art. 62A afirma que “A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas”, deixando explícito que a formação continuada deve ser ofertada pelas instituições de ensino na qual o docente atuará. O Art.62B delimita o acesso dos professores nas redes públicas de educação básica a cursos superiores de pedagogia e licenciatura por meio de processos seletivos.

O Art. 67 discorre sobre o processo de valorização dos profissionais da educação, lhes assegurando direitos que consolidam o plano de carreira do magistério público

I – ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; III – piso salarial profissional; IV – progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; V – período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; VI – condições adequadas de trabalho. (LDB, 1996, p. 44)

A partir da legislação vigente pode-se dizer de acordo com Gatti, 2010 que:

As licenciaturas são cursos que, pela legislação, têm por objetivo formar professores para a educação básica: educação infantil (creche e pré-escola); ensino fundamental; ensino médio; ensino profissionalizante; educação de jovens e adultos; educação especial. Sua institucionalização e currículos vêm sendo postos em questão, e isso não é de hoje. Estudos de décadas atrás já mostravam vários problemas na consecução dos propósitos formativos a elas atribuídos (Candau, 1987; Braga, 1988; Alves, 1992; Marques, 1992). Hoje, em função dos graves problemas que enfrentamos no que respeita às aprendizagens escolares em nossa sociedade, a qual se complexifica a cada dia, avoluma-se a preocupação com as licenciaturas, seja quanto às estruturas institucionais que as abrigam, seja quanto aos seus currículos e conteúdos formativos. Deve ser claro para todos que essa preocupação não quer dizer reputar apenas ao professor e à sua formação a responsabilidade sobre o desempenho atual das redes de ensino. Múltiplos fatores convergem para isso: as políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos das culturas nacional, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os “sem voz”) e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas. (p. 1359).

Assim o recém formado vai se deparar com uma infinidade de problemas ao terminar o curso de pedagogia e adentrar no espaço escolar o medo e a insegurança são os primeiros sentimentos tomando para si a responsabilidade do ensino de crianças. Os desafios e dilemas mais frequentes se aplicam na inserção na rotina escolar, a qual até então era somente vivenciada por meio de estágios e práticas de ensino durante o processo de formação inicial.

Ainda assim, há uma exigência para com os professores iniciantes diferente dos que já estão inseridos na rede, onde nasce o sentimento de contradição ao retomar os estudos feitos enquanto ainda discente e não conseguir aplicar suas bases em sala de aula por N motivos, sendo eles: condição material, relação com o aluno, divisão entre teoria e prática, metodologias e condições objetivas de trabalho que derivam diversos sentimentos.

Aos professores que já estão na rede, sobressaem 2 dificuldades, sendo a adaptação com o novo cotidiano e as condições objetivas de trabalho, as quais eles superam de fácil modo pois carregam experiências que os impedem de trazer medos e inseguranças para suas praticas, se preocupando somente com a adequação da nova etapa.

Neste sentido pode-se dizer que o início da carreira docente é um momento muito crítico e decisivo para a continuação ou abandono da profissão, dependendo dos sujeitos e suas

limitações com a identificação com a profissão que se constitui no decorrer do tempo. Os professores que já estão inseridos nessa carreira por um período maior carregam a responsabilidade de formar os egressos, o qual não acaba ocorrendo desse modo, e sim tornando mais um obstáculo na iniciação da carreira pelo choque com a realidade.

Percebe-se que em nossa sociedade é comum em diversas profissões o recém contratado ter o acompanhamento de um trabalhador mais experiente que o acompanha durante o período de estágio probatório, no entanto, no magistério geralmente o docente iniciante é “lançado” na sala de aula, que é seu ambiente de trabalho, sem um maior acompanhamento por parte da coordenação pedagógica e da direção escolar. Os colegas de trabalho que deveriam auxiliar muitas vezes se opõem dificultando o trabalho, por vezes até os respondendo com rispidez o que acaba dificultando o relacionamento no âmbito escolar e o processo inicial da carreira docente.

Ao decorrer da vida nós passamos por diversas fases que acrescentam muito em nossas vivências, como na vida docente, ao qual passar pela transição de aluno para professor, emerge-se em fatos de alterações cotidianas, no âmbito familiar, emocionais e geográficas.

Mesmo sendo um aluno egresso que está bem fundamentado em teorias e metodologias, o “*choque com a realidade*” nos primeiros anos é sempre existente.

Silva (1997, p.53) disserta sobre a expressão “*choque com a realidade*” dizendo que a mesma é a melhor tradução do impacto que os professores passam no início da carreira, perdurando por um período mais ou menos longo. Muller-Fohbroadt e outros in Silva (1997, p.54) vão falar ainda sobre o termo “*choque de transição*” determinado por esse período de medos e inseguranças vivido durante os primeiros anos da carreira.

Muller-Fohbroadt e outros (1997), citados por Veenman (1984, p.144) e referidos por Sila (1997, p.54), o “*choque de realidade*” é manifestado por 5 indicadores, sendo eles:

1. *Percepção dos problemas*: quando existe percepção dos problemas e é demonstrado algum desagrado (lamentações sobre horários, cansaços, *stress*, etc.);
2. *Mudanças de comportamento*: quando existem mudanças nos professores que são provocadas por agentes externos;
3. *Mudanças de atitude*: quando o professor muda de atitude relativamente às suas crenças;
4. *Mudanças de personalidade*: mudanças ocorridas a nível da estabilidade emocional e auto conceito;

5. *Abandono da profissão*: é o indicador Máximo, e é atingido quando o grau de desilusão é muito elevado; é visto como sendo a única solução.

O professor egresso sofre com variadas situações ao qual o âmbito escolar junto com a equipe gestora não está atento e nem ao menos dando o suporte necessário para o enfrentamento dessa fase inicial, deixando o professor algumas das vezes traumatizadas e desperdiçando a oportunidade de novas idéias dos recém formados. O conjunto de problemas ao qual os egressos perpassam os afeta diariamente, podendo ser transformados em dilemas, ao qual Bem-Peretz e Kreme-Hayon (1990) denominam em três tipos, sendo:

1. *Dilemas relacionados com o controle do ato educativo*, ou seja, quando o professor tem de fazer opções, como, por exemplo, escolher entre uma estratégia de ensino/aprendizagem centrada no aluno ou centrada no professor;
2. *Dilemas emergentes da gestão curricular*, como por exemplo, valorizar o conhecimento cotidiano ou impor a cultura de escola aos alunos; fazer uma seleção de conteúdos de acordo com os ritmos de aprendizagem dos alunos ou aderir a seleções vindas do exterior; adaptar uma avaliação diferente da convencional ou apenas quantificar o produto final;
3. *Dilemas socioculturais*, ou seja, confronto entre várias culturas dos diversos intervenientes educativos, as diferentes gerações de professores.

Os dilemas citados acima são encontrados na vida cotidiana do professor, ao qual ele tem que tomar e muitas vezes não se sentem confiantes ou não estão de acordo com o que deve ser feito, desabando e confrontando todas as teorias ou planejamentos que havia feito para sua sala de aula. Para o professor iniciante, essas decisões carregam pesos que são decisivos para a constituição de sua carreira, pois se espera sempre que o professor acerte em suas escolhas, afinal, ele estudou para exercer sua profissão. Seguindo por esse caminho, é importante que o professor ultrapasse essas barreiras a fim de aprender com os demais profissionais, estando aberto para novas descobertas, tanto profissional como pessoais.

Os problemas citados acima são aperfeiçoados em um único objetivo, ao qual é muito discutido sobre sua relevância ainda no âmbito acadêmico: formação continuada. É de extrema relevância que o docente esteja em constante aprendizagem para que sejam abertos a mudanças inovadoras, contribuindo para o conjunto escolar e assim formar cidadãos críticos, que sejam aptos a inserir-se de bom modo no âmbito social, ou seja, que o professor contribua para a formação integral do aluno.

Diante de todas as evoluções sociais o professor deve estar atento ao aumento das exigências que o seu papel detém para a nova sociedade ao qual estamos caminhando, entendendo que a responsabilidade da formação de um aluno crítico e bem estruturado parte-se tão somente do professor, aumentando cada vez mais suas responsabilidades.

Em vista do tempo pandêmico que estamos enfrentando, o professor novamente teve que se reinventar para atender com eficácia seus alunos. Segundo Fay Chung in Garrido (1996, p.80) “...é muito provável que as características e o papel dos professores se venham a alargar e aprofundar no século XXI, na medida em que o professor será o mediador entre dois mundos, o mundo do passado, do presente e do conhecido, e o mundo do futuro e do desconhecido”.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS: A VISÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CPTL

#### 2.1 Sujeitos da pesquisa

Pensando na problemática levantada sobre a dificuldade dos egressos do curso de Pedagogia e levando em consideração o tempo pandêmico que estamos vivenciando contra o Covid-19, ao qual a Organização Mundial da Saúde define a doença como “[...] doença infecciosa causada pelo novo Covid-19, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China.” ao qual impossibilitou que fosse feita uma entrevista de forma presencial.

Sendo assim, foi redigido e enviado um questionário com fundo investigativo para análise da problemática por meio de ferramentas sociais (Anexo 1) para 5 egressas do curso de Pedagogia com formação inicial na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas, ao qual dado um determinado tempo para envio do mesmo, foi recolhido dados de 4 docentes, ao qual serão conservados suas identidades sendo denominadas por nomes fictícios.

O primeiro sujeito ao qual faremos análise dos dados será reconhecida como Lúcia, a qual possui a idade entre 36 a 39 anos, concluinte do curso no ano de 2017 e atuante na docência desde o início do ano de 2019 nos anos iniciais como contratada no município de Andradina-SP. Ao ser indagada a respeito de sua experiência no CPTL, Lúcia respondeu que:

“[...] Nunca sonhei em ser professora, somente almejava o ensino superior. Não me identifiquei em nenhuma matéria até o 3º semestre. Tudo mudou quando comecei a fazer o estágio obrigatório na Educação Infantil e voltei encantada com a docência na primeira infância. Os outros semestres foram difíceis, por diversos fatores externos como trabalho, família e vida social, porém eu já havia me identificado nos estágios e conseqüentemente nas disciplinas que seguiram dali para frente.” (Lúcia, questionário em 07/10/2020)

Em continuidade as questões, afirma que participou de uma ótima formação no curso de pedagogia, mas sentiu falta de algumas experiências por não poder vivenciar o PIBID por conta dos compromissos com o trabalho e afazeres pessoais. Em referência aos professores que obteve durante o curso, Lúcia elogia referindo-se a eles como “[...] ótimos profissionais que

denominavam suas respectivas áreas”, e ainda citou sobre o diferente olhar que os professores tinham para a Educação e que tal sentimento era transmitido para os alunos, pensando-se de forma social, política e os valores da profissão docente.

O segundo sujeito ao qual se submeteu ao questionário será denominada por Cláudia, com a idade de 36 anos e também concluinte do curso no ano de 2017. Atua como professora do Ensino Fundamental I desde abril de 2017 como contratada na Rede Municipal de Três Lagoas-MS e no ano de 2020 ingressou novamente na UFMS como aluna especial do Mestrado.

A docente analisa sua formação com alto conceito e recorda dos professores como grandes profissionais que estavam sempre preparados para as aulas e que transmitiam ricos conhecimentos e vivências que foram indispensáveis para sua formação. Ao responder sobre sua experiência no CPTL, Cláudia redigiu dizendo que

“[...] Durante todo curso tive excelentes experiências (inclusive as negativas que sempre ensinam algo), aulas aos sábados, estágios supervisionados e participação em cursos e seminários. Como quase todos os graduandos/graduados de Universidades públicas, passei por período de greve, por isso o curso previsto para acabar em dezembro de 2016 foi até 31 de março de 2017, sendo a graduação em junho do mesmo ano. Os professores da instituição eram competentes e comprometidos com a formação dos acadêmicos, minha turma por sua vez em sua maioria, correspondia e buscava o melhor.” (Cláudia, questionário em 23 de outubro de 2020)

A docente relembra um ponto primordial que fez diferença em sua formação ao memorar que os professores estavam sempre estudando em busca de uma melhor formação “[...] seja fazendo doutorado, pós-doutorado ou outro tipo de formação que contribuísse para sua construção profissional e conseqüentemente nossa formação como futuros professores. Além disso, estimulavam nosso questionamento além do senso comum e nos ensinavam a pensar, refletir e transformar.”

A terceira contribuinte da pesquisa será apresentada como Rose que possui idade acima dos 40 anos, concluinte do curso no ano de 2017 e ingressou na carreira docente no ano de 2020 como professora de projetos existentes em escola integral no Município de Andradina-SP, e menciona o grande desafio que vem vivenciando frente a pandemia que estamos enfrentando contra o Covid-19.

Ao avaliar sua formação, lamenta por não ter conseguido participar dos grupos de pesquisa que a instituição oferecia por conta dos trabalhos e horários.

A professora relembra dos seus tempos como discente no CPTL com “[...] grandes desafios... Não tínhamos uma boa estrutura, passamos por períodos de greves, mas tivemos bons professores que sempre nos incentivaram a não desistir.”

O quarto sujeito da pesquisa será reconhecida como Alice que possui entre 20 a 35 anos de idade, concluinte do curso de Pedagogia no ano de 2017 e já atuante na área pedagógica desde a graduação como coordenadora pedagógica de uma instituição privada.

A docente relata que a UFMS proporcionou uma rica e diversificada formação inicial, ao qual a possibilitou de cursar uma pós graduação em Neuropsicopedagogia e um Mestrado em Educação cuja pesquisa se dá ao tema de raça e gênero na infância. Relembra de momentos que acrescentaram em sua formação ao relatar que teve a oportunidade de participar de programas de extensão universitária como PIBID e PIBIC, com auxílio de professores que ampliaram os processos de aprendizagem.

Ao ser indagado sobre a relação dos professores, Alice relata que “Há professores bons e ruins. Alguns excelentes com quem aprendi muito, para além de conteúdos, aprendi postura ética e compromisso social. Como em todas as profissões há professores que deixam a desejar, porém são uma minoria.” Alice ainda retoma sua fala ao considerar sua formação inicial como uma grande porta de entrada para os demais desafios que enfrentou, como o mestrado que realizou com uma antiga professora atuante em sua graduação.

## **2.2 Análise dos dados**

Diante de todas as evoluções sociais o professor deve estar atento ao aumento das exigências que o seu papel detém para a sociedade ao qual estamos construindo, entendendo que é incumbência do professor a formação de um aluno crítico, aumentando cada vez mais suas responsabilidades.

Em vista do tempo pandêmico que estamos enfrentando, o professor novamente teve que se reinventar para atender com eficácia seus alunos. Segundo Fay Chung in Garrido (1996, p.80) “...é muito provável que as características e o papel dos professores se venham a alargar e aprofundar no século XXI, na medida em que o professor será o mediador entre dois mundos, o mundo do passado, do presente e do conhecido, e o mundo do futuro e do desconhecido”.

O primeiro ano de inserção na carreira docente trata-se de um importante caminho a ser trilhado para os novos contribuintes da educação, pois é chegado o momento de colocar em prática todos os ensinamentos e aprendizados vivenciados e estudados durante os 4 anos de curso. Mas, os professores enfrentam mais do que a dificuldade de colocar em prática seus

conhecimentos, eles descobrem uma discrepância entre o que se é estudado com o que é vivenciado nas salas de aulas, ou seja, uma diferença entre a teoria e a prática.

Silva e Cruz (2018) vão dizer que essa contrariedade é superada pelas experiências adquiridas no decorrer dos anos como docente, ao aprender passar por diversidades cotidianas. Elas ainda discorrem dizendo que

A teoria não é entendida como explicação do real, e sim, como um movimento inverso da elaboração mental e aplicação na realidade. Essa compreensão da relação teoria e prática hora como aplicabilidade, hora como associação faz com que os professores se distanciem cada vez mais da formação inicial/continuada como espaço de elaboração e transformação do real e compreendem a atuação profissional como algo totalmente distinto da formação inicial/continuada com exceção para as aplicabilidades metodológicas e técnicas do fazer pedagógico. (Silva e Cruz, 2018, p.47)

Ao perguntar para as egressas do curso de Pedagogia sobre a relação entre a teoria e a prática, Alice vai dizer que

“Se desassociadas ambas perdem valor. A Teoria deve servir para refletir sobre a prática compreendê-la e transformá-la, assim como a prática deve absorver e validar as teorias, confrontando-as a realidade e, muitas vezes, trazendo novas perguntas e desafios a serem teorizados, construídos ou desconstruídos.” (Alice, questionário em 09 de novembro de 2020)

Lúcia (2020) discorre sobre a questão dizendo que a teoria e a prática andam juntas e que a abordagem prática, a metodologia a ser utilizada e o plano pedagógico precisam ser pautadas em uma teoria de qualidade e contínua. Para Cláudia, a sua opinião se define em que

A relação teoria e prática é válida para dar noção do que esperar, todavia uma relação tênue. A teoria se faz necessária para nossa formação. É indiscutível que aprendamos por meio dela. A prática, por mais que seja ofertada através dos estágios supervisionados, na minha opinião só se adquire em sala de aula e é bem diferente. O que mais observo é um discurso de qualidade com ações voltadas para quantidade. Isso frustra o bom profissional. Transformar essa realidade não é tarefa fácil, embora a teoria reforce que a educação transforma. De fato, transforma, mas está engessada com várias outras áreas. (Cláudia, questionário em 22 de outubro de 2020)

Nossa última contribuinte, Rose, relata que a teoria e a prática são bem distantes do que vemos na realidade da sala de aula. Em suma, os sujeitos da pesquisa afirmam que a teoria é de grande importância para a execução da prática, mas é nítido que ocorre uma discrepância entre

os estudos e a realidade, discrepâncias essas que são superadas no decorrer do processo de construção da carreira docente, ao encontrar saídas para as situações do dia a dia.

Segundo o autor Couto (1998) “Entrar no mundo profissional implica abandonar alguma segurança feita de apoios sucessivos, decidir sozinho e ter de enfrentar desafios que obrigam a crescer.” Tal citação se concretiza na carreira docente, pois como já citamos acima, o egresso é inserido na sala de aula sem um acompanhamento sistemático que o auxiliará nas ações a serem desenvolvidas com as crianças, o que se difere das demais profissões que ocorrem um acompanhamento afim de ensinar como o trabalho deve ser executado.

Ao pensar na seguinte problemática, foi inquirido para as contribuintes da pesquisa sobre os desafios que foram encontrados no início da carreira docente, tendo em vista que todas já estão inseridas no âmbito educacional.

Lúcia diz que tudo é desafiador

“[...] No meu caso desde o momento da atribuição onde eu pude escolher em qual escola eu queria trabalhar, em qual ano escolar eu gostaria de dar aula. A chegada na escola. O encontro com os alunos e com os pais dos alunos. O primeiro dia. O desafio de ter clareza e objetividade na minha conduta profissional. O desafio de saber fazer. Mas até hoje meu maior desafio é quanto a inclusão de alunos que possuem algum tipo de deficiência. Nesse caso a teoria e a pratica são bem diferentes.” (Lúcia, questionário em 07/10/2020)

Percebe-se na fala de Lúcia que o desafio vai além dos conteúdos a serem ensinados, de qual metodologia aplicar ou como se portar frente aos alunos. O desafio inicia-se e mistura-se com uma ansiedade de conhecer o local de trabalho, de como serão os futuros alunos que os irão acompanhar - lá durante todo o ano escolar, como serão os pais e quais serão aqueles que o docente terá o apoio.

A professora ainda responde dizendo que o seu maior desafio até o momento atual trata-se sobre a inclusão dos alunos com deficiência e ressalta que nesse sentido, a teoria e a pratica são bem diferentes, pois, o docente tem o grande desafio de planejar e desenvolver uma aula capaz de favorecer a participação e aprendizagem de todos os alunos e isso depende de um trabalho escolar em conjunto, onde o professor tenha recursos e serviços de tecnologia assistiva que o auxilie na inclusão dos alunos com deficiência rompendo as barreiras do meio.

Para Cláudia (2020), o maior desafio foi ter o domínio da sala de aula onde os 30 alunos se interessassem no conteúdo a ser ministrado no momento. A docente ainda relata sobre o sentimento de frustração que sentia aos seus planos não saírem como havia previsto e ressalta

que hoje ela consegue lidar com tal divergência. Em menção sobre as questões burocráticas, Cláudia diz “[...] embora sejam muitas (diários, planos de aula segundo BNCC, reuniões, relatórios gerais, individuais e etc) nunca foi problema para mim, pois tenho facilidade nesta área, bem como prazos.”

Alice (2020) discorre sobre o assunto nomeando seus maiores desafios como a falta de experiência, a comercialização do ensino e o preconceito de classe, os quais tais tribulações a levaram ao seu projeto no mestrado.

A insegurança de estar fazendo o correto e a incerteza de que as crianças estão de fato aprendendo o conteúdo ministrado foram os maiores desafios do início da carreira de Rose.

Por fim, questionamos as pedagogas se lhes foi ofertada no atual ambiente de trabalho algum curso que estendesse as suas formações, a chamada Formação Continuada. Ressalta-se a grande importância que essa continuidade detém para os professores iniciantes pois trata-se de uma forma de assegurar a atuação de profissionais mais capacitados e preparados em sala de aula.

Rose não possui nenhum curso de formação continuada, Lúcia relata que iniciou uma pós graduação em Neuropsicopedagogia, sendo uma atividade externa ao seu trabalho. Assim como Lúcia, Alice tem formações agregadas ao seu currículo que não derivam da rede pública de ensino, sendo eles: Pedagogia do Campo e Quilombolas, BNCC e Campos de Experiência, O Brincar Heurístico e Documentação Pedagógica.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 Art.61 estabelece que

A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: 1º- a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; 2º aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituição de ensino e outras atividades.

No entanto, é necessário para a carreira docente que o professor não encerre seus estudos ao efetivar sua graduação, e sim que dê continuidade aos estudos com formações que os incentivem a buscar maneiras melhores de exercer a graduação, e conseqüentemente os fará serem mais confiantes como atuantes na sala de aula.

É dever do Estado oferecer recursos necessários para que haja a profissionalização adequada, proporcionando que seja levado adiante, o difícil projeto da qualidade da educação para todos e a de transformação cultural e social (GATTI, BARRETTO; ANDRÉ, 2011).

Cláudia afirmou a importância que a continuidade nos estudos teve na sua inserção na sala de aula e relatou que teve durante todo o ano cursos de formação ofertada pela rede Municipal. Os assuntos eram distintos, sendo “... no ano passado, por exemplo, foram voltados para a BNCC, este ano para os desafios da aula online e até alguns com viés motivacional, desde o estresse das novas exigências que a pandemia impôs.” E finaliza relatando que ocorrem cerca de 8 a 10 formações por ano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser participante desse processo, o trabalho teve como motivação principal os anseios que já possuo antes mesmo de dar início a carreira docente e também o desejo de perceber e entender com mais clareza a realidade que o professor terá que lidar e quais dificuldades não agregam para a sua formação.

As ponderações colocadas em questão ao decorrer da pesquisa expressam um conjunto de situações ao qual os professores iniciantes da sua caminhada profissional docente estão aptos a percorrer, fases e etapas que são decisivas para o futuro de sua carreira docente.

Por vezes não ocorre um olhar clínico para os professores egressos do curso de Pedagogia, não tendo em consideração que os mesmos estão passando por uma fase de transição onde se inicia uma relação concreta de todas as experiências durante os 4 anos anteriores. Mas por esse mesmo motivo, de serem egressos do curso, acredita-se que a formação lhes foi o suficiente para o exercício da docência e agora basta somente colocar em prática todos os ensinamentos. A relação dialética entre a teoria e a prática é muitas vezes concebida com positividade e negatividade ao mesmo tempo, sendo a primeira recebida de forma otimista por ser uma realizadora e criadora de vida, e a segunda quando mal instruída pode se transformar em certas condições sociais a destruidora da mesma.

O professor ao ser imerso no ambiente escolar cria uma variedade de ansiedades e expectativas quanto à atuação com a sua sala de aula, quanto a suas práticas e sua comunicação com o grupo escolar. Porém, ao adentrar na escola percebe que os meios não se concretizam da mesma forma em que havia idealizado. Fiorentini (2011) ressalta que tais discrepâncias também partem do estado precário que a educação vem sendo tratada em nosso país, desestimulado ainda mais o caminhar docente onde os professores assumem salas que muitas vezes dispõem condições desfavoráveis para que se possa realizar um bom trabalho, e ainda conclui dizendo que essa mesma proposta de ensino perdura até a chegada da aposentadoria.

As adversidades encontradas durante o percurso de transição são questionamentos que nos fazem refletir sobre a constante mudança que a humanidade está apta a percorrer, refletindo sua individualidade por composições de diversos elementos, sendo eles o próprio indivíduo, os outros homens e a natureza que o rodeia (Gramsci, 1995).

A vista de tal pensamento, conclui-se que o homem constrói sua individualidade partindo das relações com o próximo e a natureza que o permeia com a intencionalidade na objetivação, do reconhecimento e da negação para que em suma o homem seja formado por sua

construção histórica a qual dominamos de segunda natureza. Todo esse processo construção é determinante para o início da carreira docente, pois essa atuação perpassa a formação e infere na mudança do sujeito social que o realiza.

Ao analisar a fala das professoras que se submeteram ao questionário conclui-se que a dificuldade ultrapassa os meios concretos do ato de ensinar, como as metodologias a serem seguidas, a escolha de materiais, a organização cultural da escola e todos os meios que a compõe. O professor está diante de uma nova realidade que muitas vezes são expelidas com sentimentos de ansiedade, medo, indagações que não são sanadas de forma imediata, pois somente com suas vivências que se transforma em experiências que ele irá se adequar a nova rotina e conseqüentemente irão lidar com os problemas cotidianos com mais facilidade.

É nesse momento que contraditoriamente os sentimentos de dificuldade se tornam em realização, embora sejam sentidas de forma diferente. Ocorre então a passagem de ingressante para o processo de identificação com a carreira docente, o fazendo descobrir que a contradição encontrada na carreira deriva-se de imposições de parâmetros, normas e regras que são subsídios para suas ações e construções dos afazeres, sendo outro ponto destacado na fala dos sujeitos da pesquisa ao mencionar que as questões políticas e burocráticas como um dificultador do caminho docente.

Deste modo, os desafios para a promoção do desenvolvimento profissional dos professores iniciantes: a falta de um acompanhamento sistemático para os anos iniciais do egresso do curso de Pedagogia; o desenvolvimento de uma política que reconheça que o professor carece de um maior apoio enquanto iniciante; melhoria da criação de vínculos dos profissionais iniciantes e os profissionais que possuem um maior tempo imerso na carreira; a importância que a formação continuada dispõe para o professor egresso os auxiliando na melhoria de ideias e aumento de segurança no trabalho e a conscientização e criação de disciplinas curriculares que abranja e leve a debate os diferentes períodos que os professores estão favoráveis a passar durante o caminhar docente.

Os docentes precisam se sentir seguros e acreditar na importância que o seu trabalho detém para a sociedade, pois a sua função baseia-se em orientar pessoas, motiva-las a aprender e buscar conhecimento a fim de utilizar e desenvolver as suas capacidades em prol de uma vida de qualidade. O principal trabalho se baseia na relação com pessoas, sendo mediadas por culturas, informações e instrumentos que produzem conhecimentos canalizados por aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem, resgatando a importância da estimulação e valorização dos professores para o exercício de sua profissão, crendo que as relações interpessoais pode ser um fator determinante para o funcionamento de equilíbrio.

Em suma, há muito que fazer por esses professores e a sua inserção no magistério, mas ainda há muita esperança nos jovens egressos para que o sentimento de revolta se transformem em luta e os façam crescer como agentes de mudança no processo de tornar as escolas brasileiras mais humanas, criativas e com um olhar formativo crítico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTO, Carlota. O Brasil que Portugal escreveu: pedagogia e política sem comemorações. N 15. Revista Brasileira da Educação. Set/Out/Nov/Dez de 2000.

BOUZADA, VALERIA CHRISTINA; KILIMNIK, ZÉLIA MIRANDA; OLIVEIRA, LUIZ CLAUDIO VIEIRA. Professor iniciante: desafios e competências da carreira docente de nível superior e inserção no mercado de trabalho. São Paulo, 2012.

BRANDÃO, C.F. LDB passo a passo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei no 9.394/96), comentada e interpretada.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997. P.47.

BROSTOLIN, MARTA REGINA; OLIVEIRA, EVELYN ALINE DA COSTA. Educação Infantil: Dificuldades e desafios do professor iniciante. Paranaíba, 2013.

CARROLO, C. (1997). “Formação e Identidade Profissional dos Professores”. in ESTRELA, M. ; CARROLO, C. ; et al. (1997). Viver E Construir A Profissão Docente. Porto: Porto Editora, pp.21- 49.

CHUNG, F. (1996). “A Educação Básica: Novos Desafios à Entrada do Séc. XXI” in Garrido, J. (1996). “A educação do futuro, o futuro da educação”. Porto: Edições ASA.

FAZENDA, I.C.A. (org). Metodologia da pesquisa educacional. 11 ed. São Paulo. Cortez, 2008.

FERREIRA, Liliana Soares. Gestão do pedagógico na escola: possibilidades para o trabalho dos professores. Santa Maria-RS, fev.2011.

FURTADO, Júlio. A importância da formação continuada para os professores. Jul. 2015. Disponível em: [www.juliofurtado.com.br/2015/07/22/a-importancia-da-formacao-continuada-dos-professores/](http://www.juliofurtado.com.br/2015/07/22/a-importancia-da-formacao-continuada-dos-professores/) Acesso em 13 de novembro de 2020.

GAIO, Roberta; CARVALHO, Roberta Brito; SIMÕES, Regina. Métodos e técnicas de pesquisa: A metodologia em questão. Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCIA, Carlos Marcelo. Formação de professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora 1999.

GARRIDO, J. (1996). A Educação do Futuro, o Futuro da Educação. Porto: Edições ASA.

ILHA, Franciele Roos da Silva; HYPOLITO, Alvaro Moreira. Vitória da Conquista. V. 10, n.17. p.99-114. Jul.dez. 2014.

ISAIA, SILVIA MARIA; MACIEL, ADRIANA MOREIRA DA ROCHA; BOLZAN, DORIS PIRES VARGAS. Pedagogia universitária: desafio da entrada na carreira docente. Educação Santa Maria, dez. 2011.

PACHECO, Leila Leatrice Saldanha; FRAGA, Marta Elisiabete de. A importância da formação continuada para o bom desenvolvimento do docente. Jul. 2015.

SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da; Cruz, Shirleide Pereira da Silva. O professor iniciante: sentidos e significado do trabalho docente. 10 de maio de 2018.

SIMÕES, Mara Adriana Fazenda. Início da carreira docente: desafios e dificuldades. Universidade Aberta. Setembro/2008.

**ANEXO 1****QUESTIONÁRIO:**

1- Qual a sua faixa etária:

( ) entre 18 a 20 anos ( ) maior de 20 a 35 anos ( ) acima de 40

2- Você trabalha? ( ) Sim ( ) Não

3- Em que ano concluiu o curso de pedagogia?

4-Relate sua experiência no CPTL

5- Como você avalia sua formação no curso de pedagogia?

6- Quanto aos professores(as) você os consideram bons ou ruim? Justifique,

7- Está atuando como docente? Relate sua experiência

8- A formação no CPTL/UFMS te favoreceu nesta atuação?

9 – Na instituição em que você trabalha tem cursos de formação continuada em serviço? Quais?

10 – Voltou a estudar na UFMS? O que?

11 – Qual a relação teoria e prática em sua opinião?

12 – Quais desafios enfrentou no início de sua carreira docente?